

## **Commodities agrícolas ainda terão saída de fundos**

*Neila Baldi*

A saída dos fundos de investimento das commodities deve continuar neste mês, com menos intensidade. Apenas entre 8 de julho e 8 de agosto, os mercados futuros de soja e milho - os que mais perderam - tiveram 116 mil contratos liquidados menos. O resultado foi uma queda nas cotações de 24,02% e 26,44%, respectivamente.

Estudo exclusivo da Link Investimentos mostra uma correlação direta entre os preços dos produtos e a entrada massiva dos fundos. Em fevereiro deste ano, por exemplo, a cotação da soja chegou a US\$ 15,10 o bushel (27,2 quilos) e na ocasião, a posição líquida dos fundos era de 152,7 mil contratos. No último relatório da Commodity Futures Trading Commission (CFTC), do dia 8 de agosto, o volume era de 85,4 mil e o preço da soja estava a US\$ 11,80 o bushel. "Houve uma percepção de queda no aquecimento da economia mundial e, portanto, uma demanda mais fraca. Assim, os fundos saíram", diz Mário Frioli, diretor de Commodities da Link Investimentos. Segundo ele, ao mesmo tempo em que agora os fundos "realizaram lucros", quando entraram, deram suporte às cotações. O mesmo movimento que ocorreu na soja também aconteceu com os demais grãos. No milho a posição líquida diminuiu em 85,8 mil contratos no período de um mês. Quando compara-se ao maior volume, a queda é de 132 mil - em 10 de junho, ocasião que havia também as enchentes nos Estados Unidos, quando a cotação do cereal chegou a US\$ 7,59 o bushel (25,4 quilos) - atualmente está em US\$ 5,18.

O economista Fábio Silveira, sócio-diretor da RC Consultores, explica que com a crise das hipotecas dos Estados Unidos, no final do ano passado, o mercado de títulos e renda física daquele país passou a ter uma baixa remuneração e, então, houve uma migração de recursos de fundos, de bancos de investimentos, de investidores de maneira geral destes mercados para os futuros de commodities. "Isso provocou um processo de acelerada valorização das commodities agrícolas e do petróleo, que distorceu o mercado de preços desses produtos", conclui. De acordo com projeção da consultoria, o índice de commodities (CRB) deve encerrar o ano com valorização de 24%. No entanto, para a empresa, em 2009, haverá desvalorização. "A estimativa inicial é de queda de 10%, mas pode ser maior", afirma.

Silveira diz que os fundos estão saindo diante da possibilidade real de desaquecimento da economia "Eles estão se antecipando às perdas, julgando que os ganhos foram suficientes", conclui. De acordo com ele, no ano que vem, a desvalorização dos preços das commodities se dará por "fundamentos de mercado" e não especulação, uma vez que a demanda estará menor. Na avaliação do economista, entre as commodities agrícolas, a candidata a forte queda é a soja, pois no milho a demanda por etanol diminuirá a tendência de redução nos preços.

Para Luiz Fernando Abussamra, coordenador de Agronegócio da Risk Office, a tendência é que os fundos continuem migrando para outros ativos que não commodities. Segundo ele, a saída, em agosto, pode até ser maior que a ocorrida em julho. "Porém, como são sensíveis às expectativas, isso pode se reverter. Segundo ele, o crescimento econômico da China e uma "calmaria" nos Estados Unidos poderiam reverter a situação. Fernando Pimentel, diretor da Agrosecurity, diz que ainda tem espaço para os fundos saírem do mercado de commodities, pois a posição comprada ainda é grande. Por isso, na avaliação dele, no caso da soja, o mercado ainda pode cair 5%.

O analista José Amaral, da Scot Consultoria, diz que em julho os contratos dos fundos no milho foram os menores níveis desde setembro de 2006. Ele explica que parte da "revoada" do último mês ocorreu porque a CFTC teria processado alguns fundos que trabalhavam com energia, após uma investigação do uso de "laranjas". Por outro lado, de acordo com ele, o lado "fundamental" também pesou na desvalorização do preço do produto, pois houve uma melhora nas condições das lavouras nos Estados Unidos. Amaral lembra que a tendência do mercado não é definida pelos fundos - apenas a volatilidade.

A movimentação dos fundos, em alguns mercados agrícolas, foi diferenciada. No açúcar e no café, a posição líquida em 8 de julho era negativa e, um mês depois, positiva (a diferença

entre comprados e vendidos). Segundo analistas, os fundamentos do mercado influenciaram o movimento.

**SOBE-E-DESCE DOS FUNDOS E DOS PREÇOS**  
Entrada ou saída nos mercados abala o desempenho das commodities

Produto	↑	Apice	Data	Preço
Soja (em US\$/bushel)	↑	152.746	29/02	15,10
Milho (em US\$/bushel)	↑	358.800	10/06	7,59
Trigo (em US\$/bushel)	↑	31.000	01/04	9,12
Açúcar (em US\$/libra-peso)	↑	241.054	04/03	13,45
Café (em US\$/libra-peso)	↑	56.865	12/02	150,55

Produto	↓	Queda	Data	Preço (em 8/8)
Soja (em US\$/bushel)	↓	85.471	08/08	11,80
Milho (em US\$/bushel)	↓	226.148	08/08	5,18
Trigo (em US\$/bushel)	↓	6.035	08/08	7,64
Açúcar (em US\$/libra-peso)	↓	128.646	08/08	13,46
Café (em US\$/libra-peso)	↓	17.375	08/08	143,95

Fonte: Link Investimentos

Leia mais:

### Soja acompanha petróleo e cai 4,6%

Fabiana Batista

Junto com as cotações do petróleo, as da soja voltaram a recuar sexta-feira na Bolsa de Chicago (CBOT). O contrato com vencimento em setembro caiu 4,6% para US\$ 11,77 o bushel (27,2 quilos). Na semana, a queda é de 13,1%. Desde o dia 3 de julho (quando as cotações atingiram US\$ 16,58 o bushel, a maior da história) o grão acumula desvalorização de 28%. "Nesse mesmo dia, o petróleo atingiu seu preço histórico, de US\$ 145,45 o barril", compara Roberto de França Júnior, da Safras & Mercado. De lá para cá, as cotações do insumo fóssil recuaram 21%.

O analista acredita que a situação fundamental da soja o nível de preço estarão mais claras a partir de amanhã, quando será divulgado o relatório de produção do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda). "Até agora, o mercado não sabe qual foi a real área plantada". O milho também teve forte recuo na sexta-feira, fechando em US\$ 4,9850 o bushel, queda de 4,5%. Na semana, as cotações do grão desvalorizaram-se 11,2%.

Leia mais:

### Clima afetará geografia do campo brasileiro

Roberto Tenório

Em pouco mais de uma década, o Brasil terá um novo mapa de produção agrícola. O Rio Grande do Sul, cuja vocação é para grãos, poderá plantar café; enquanto a Bahia que expande as lavouras de soja e algodão, só cultivará plantas nativas, exceto se investir na irrigação. O cenário, pessimista para os produtores, foi traçado Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) em parceria com a Universidade de Campinas (Unicamp).

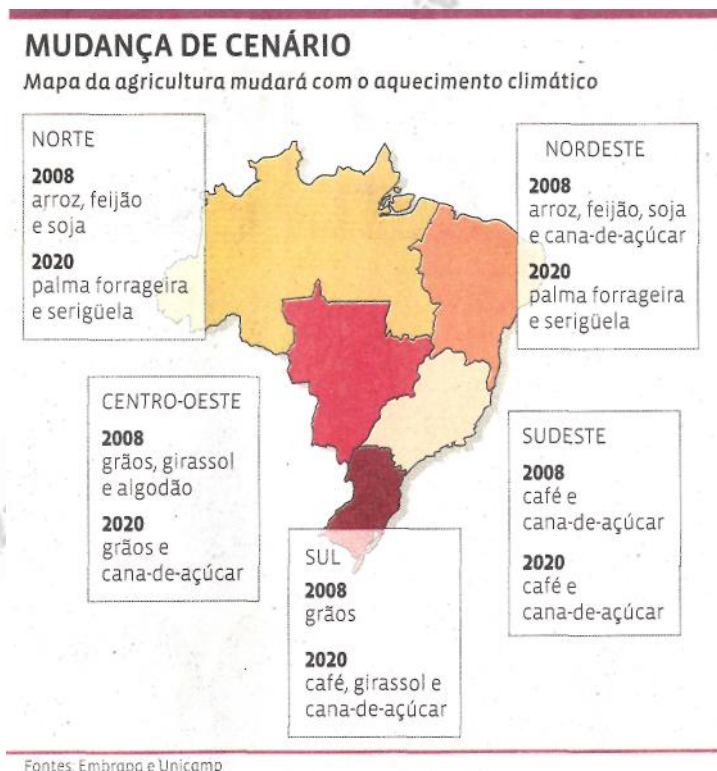
O estudo considera o impacto do aquecimento global na agricultura brasileira em 2020. De acordo com a pesquisa, além da mudança na geografia do campo, o Brasil perderá R\$ 6,7 bilhões em 2020, com a redução de áreas hoje cultiváveis - excluindo-se as lavouras de cana-de-açúcar e mandioca - em um cenário mais otimista, com aumento de 1,5°C a 2° C em 30 anos - de 1990 a 2020 - a área da soja cairá 21,6%, o que provocará um prejuízo de R\$ 3,9 bilhões. O cálculo da perda é baseado no valor bruto da produção do Brasil em 2006. O café será o segundo produto mais afetado: recuo de 6,7% na área, somando uma perda de R\$ 600 milhões.

Segundo o estudo, a soja intensificará a transferência do plantio do Sul - que hoje tem 33% da produção - para o Centro-Oeste - atualmente com 48% da colheita. Esta região será o celeiro do País e também vai incorporar parte da cana-de-açúcar e do algodão oriundos do Nordeste. "O algodão possui grande importância para a economia nordestina. Para contornar essa situação poderão ser ampliadas as culturas típicas de regiões áridas como a palma forrageira e a serigüela", exemplifica Hilton Silveira Pinto, diretor associado do Cepagri/Unicamp e um dos coordenadores da pesquisa. Ele observou que a irrigação e o melhoramento genético podem minimizar esse impacto, gerando variedades mais resistentes à falta de água.

O café vai predominar em locais montanhosos e só será viável no Nordeste de São Paulo e Sul de Minas Gerais, além do Paraná - regiões que já cultivam o produto. Por sua vez, segundo Silveira Pinto, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul poderão vir a plantar café. De acordo com o pesquisador, com a menor incidência de geadas no Sul, a região absorverá não só a produção de café como também a de cana-de-açúcar.

Silveira Pinto explica que o Norte e o Nordeste do País serão as regiões mais afetadas pelo aquecimento global pois o calor aumenta a transpiração da planta e exige um maior consumo de água, que faz secar o solo. Ele diz que as estiagens serão mais extensas nestas regiões e também no Sul. "Isso poderá trazer algum problema para o milho safrinha em locais como o Norte do Paraná. Como o grão suporta no máximo 15 dias de seca, a estiagem pode prejudicar".

O pesquisador ressaltou que a situação pode se agravar com queimadas e desmatamento. "Se conseguíssemos acabar com a queimada, o País cairia da 4ª para a 10ª oitava posição entre os maiores poluidores do planeta". Com isso e o uso dos combustíveis vegetais a expectativa é que a temperatura suba 2,5° C e não os 4° C esperados até 2100.



Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 11 ago. 2008, Agronegócio, p. C9.